

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, MANIFESTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA: um estudo no *facebook* com professores em formação inicial¹⁻²

Silvan Menezes dos Santos
Giovani De Lorenzi Pires

INTRODUÇÃO

Os megaeventos esportivos tornaram-se realidade concreta para o povo brasileiro e chegaram carregados de um discurso promissor de legado social, cultural, de infraestrutura urbana e, principalmente, esportivo. São promessas de que o país desfrutará de uma rica herança deixada pelas instituições burocráticas do esporte (COI³, FIFA⁴, COB⁵ e CBF⁶) organizadoras e promotoras dos eventos juntamente com os três níveis de governo: federal, estadual e municipal, este último das cidades que irão sediar jogos da Copa do Mundo de futebol. Um discurso permeado por interesses políticos e econômicos pois envolve cifras exorbitantes de recursos públicos e de patrocinadores oficiais, o que acaba englobando também interesses diretos da indústria midiática por ser detentora dos direitos de transmissão das competições e um importante espaço de divulgação publicitária das marcas comerciais envolvidas no negócio.

Sob esse prisma de reciprocidade econômica entre o Esporte e a Mídia (PIRES, 2006), coloca-se em pauta aspectos que passam a constituir a cultura esportiva⁷ no país diante da década do esporte na qual estamos vivendo, desde o Pan Rio/2007, passando pela Copa do Mundo FIFA/2014, até as Olimpíadas Rio/2016. No caso específico deste estudo, direcionamos a interpretação do entrelaçamento dos dois elementos citados, na constituição dos significados do Esporte no contexto dos megaeventos esportivos no país.

Há uma tensão sobre os possíveis impactos que essa década esportiva no país pode acarretar para a prática pedagógica da Educação Física na escola (BRACHT; ALMEIDA, 2013). Mais ainda, o campo tem pensado de que maneira a política esportiva desenvolvida por conta da Copa e das Olimpíadas

-
- 1 Uma versão muito próxima deste artigo está publicada nos anais do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, disponível em <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/view/5899>. Recortes desta pesquisa também estão disponíveis em artigos publicados na Revista Pensar a Prática (SANTOS; PIRES, 2015), na Revista Movimento (SANTOS; PIRES, 2016) e na Revista Tempos e Espaços em Educação (SANTOS, 2015).
 - 2 Resumo da Dissertação de Mestrado, defendida em fevereiro de 2014, no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF/UFSC), realizada sob orientação do professor Giovani De Lorenzi Pires.
 - 3 Comitê Olímpico Internacional.
 - 4 Federação Internacional de Futebol.
 - 5 Comitê Olímpico Brasileiro.
 - 6 Confederação Brasileira de Futebol.
 - 7 Neste trabalho seguimos a compreensão de Pires (2002, p. 42) sobre “cultura esportiva”, que a define como “o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa”.

valorizaria a Educação Física no projeto educacional da nação (MASCARENHAS, 2012). Também se pergunta se esse é um momento de re-esportivização da Educação Física escolar?

Em paralelo a problemática da relação e das implicações dos megaeventos ao contexto da Educação Física, principalmente nessa perspectiva sociocultural do esporte, sobre a qual falamos até aqui, consideramos também o contemporâneo processo de transformação comunicacional que se convencionou chamar de “convergência⁸ digital”. A formação de uma “cultura da convergência” que, segundo Henry Jenkins (2009), de início, para ser compreendida, é necessário ter ciência do momento de colisão entre velhas e novas mídias, do cruzamento entre a indústria midiática e a mídia alternativa, além das novas interações de poder entre o produtor e o consumidor do discurso midiático. Uma nova cultura dos meios que, para o pesquisador norte americano, envolve mais do que uma simples fusão tecnológica de suportes, é uma transformação cultural que demanda participação social e trabalho intelectual coletivo.

De acordo com o quadro descrito, o propósito desta pesquisa esteve ligado à construção da cultura esportiva do país no centro deste “novo” contexto do esporte nacional e do discurso midiático sobre o fenômeno. Mais ainda, nos interessou entender como a Educação Física, por seus professores e professores em formação, principais mediadores e formadores da cultura esportiva no interior da escola, se inserem e intervêm neste contexto esportivo atual. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender como professores de Educação Física em formação inicial interagem com o discurso midiático-esportivo no âmbito da convergência digital dos meios.

PERCURSO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE INVESTIGAÇÃO

Estamos diante de um estágio paradigmático da comunicação social de convergência dos meios em que pode-se consumir, produzir e compartilhar informações diversas. Nesse sentido, para entender como os sujeitos lidavam com o discurso midiático-esportivo na conformação da própria cultura esportiva, relacionando os megaeventos esportivos com a Educação Física, esta pesquisa foi desenvolvida como um estudo observacional-descritivo, de inspiração etnográfica⁹, com uma abordagem qualitativa dos dados produzidos para análise.

No primeiro momento, denominado como cenário *online* de investigação, o estudo se inspirou na netnografia¹⁰. Foram acompanhadas as páginas

8 “Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, 2009, p. 29).

9 “[...] aqueles que não o utilizam [a etnografia] como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa, mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise de dados” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 168).

10 Frente a diversidade de terminologias que a perspectiva etnográfica de pesquisa na internet ganhou nos últimos tempos, como etnografia virtual para uns, digital para outros, webnografia,



peçoais de cinco interlocutores que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Todos eles eram professores em formação inicial do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina que aceitaram contribuir com o estudo de maneira voluntária após serem selecionados a partir de convite enviado para as turmas de graduação do Centro de Desportos da referida universidade. O principal critério de inclusão foi que os sujeitos tivessem e fizessem uso de conta na rede social *Facebook*.

Durante o período de 12 de junho à 31 de julho de 2013, por 50 dias seguidos, foram recolhidas todas as informações disponíveis no perfil do *Facebook* dos sujeitos da pesquisa. Como *corpus* de análise, foram salvos todos os tipos de interação realizadas por eles na plataforma (postagens, compartilhamentos, comentários), tudo aquilo que tivesse conteúdo relacionado ao objeto de estudo (Megaeventos Esportivos, Copa das Confederações, Esporte, Educação Física e, devido ao contexto, Manifestações Sociais).

A delimitação do período de acompanhamento do perfil dos sujeitos na rede social foi definida de acordo com as datas de realização da Copa das Confederações no Brasil (15 a 30 de junho). O intuito deste recorte temporal foi de acompanhar a discussão dos sujeitos sobre o megaevento esportivo durante e nos 30 dias após a realização dele, para ter uma visão da repercussão momentânea e posterior do objeto estudado.

Concomitante ao primeiro cenário descrito acima e como sequência da atividade investigativa da pesquisa, desenvolvemos o cenário *offline* do estudo. Uma estratégia de aproximação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e também como abordagem complementar e problematizadora da observação inicial dos sujeitos no ambiente online.

O primeiro instrumento de recolhimento de dados no cenário *offline* da pesquisa foi o questionário misto, com perguntas fechadas e abertas. Buscamos, através dessa técnica, levantar dados detalhados dos sujeitos sobre as suas práticas midiáticas cotidianas e, principalmente, acerca do consumo cultural e midiático esportivo deles. Para tal, os questionários foram aplicados durante o início da observação e do acompanhamento dos perfis no *Facebook*.

Após o término do cenário *online*, foi realizada uma entrevista coletiva semiestruturada a partir de apontamentos suscitados pela netnografia e pela aplicação dos questionários. A técnica de entrevista com os sujeitos compôs a pesquisa como uma estratégia de aprofundamento dos dados colhidos na investigação até então.

Passados os procedimentos metodológicos de investigação e de construção dos dados da pesquisa, foi utilizado o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e a análise de conteúdo temática, uma variação proposta por Minayo (2006). Conforme a mesma autora, na análise de conteúdo temática as categorias podem ser teóricas ou empíricas. Neste caso, foram elencados dois temas relacionados ao objeto de estudo, advindos, respectivamente, do quadro teórico de referência e do contexto de realização da investigação: 1) Megaeventos Esportivos; 2) Manifestações Sociais.

ciberantropologia, optamos nesta pesquisa pela denominação netnografia. Esta que, basicamente, diferencia-se das primeiras citadas por adotar a metodologia e as práticas sociais de uma maneira integrada às possibilidades que a internet proporciona de consumo, de compartilhamento e de produção na rede (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

OS ACHADOS DA PESQUISA

Megaeventos Esportivos: identidade, legados, espetáculo... e a Educação Física?

As contradições e os conflitos de posições, favoráveis e contrárias em torno da realização dos megaeventos, vem deixando algumas lacunas e dúvidas para aqueles que compõem a comunidade acadêmico-científica da Educação Física e de áreas afins. Mesmo entendendo que na maioria dos casos a preocupação não é exatamente esta, já que a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no Brasil são fatos consumados, são inúmeros os fatores apontados nesses debates teóricos da academia que acabam por não deixar clara a postura a ser tomada acerca do acontecimento dessa “década esportiva” no país.

O dilema interpretativo da realização dos megaeventos no Brasil foi também reforçado na fala dos interlocutores da pesquisa. A posição apresentada por eles esteve, em boa parte das afirmações e das interações na rede social, ligada a uma perspectiva crítica de defesa dos direitos dos cidadãos e de respeito à utilização dos recursos públicos. Porém, em certa medida, também demonstraram indícios de elementos que os mantêm vinculados a símbolos que constituem a tradição da cultura esportiva do país e que representam, para eles, a necessidade de realização de um evento como a Copa do Mundo de futebol no território brasileiro. Por exemplo, a relação identitária com o futebol através da seleção brasileira e dos clubes esportivos da modalidade (ver figura 1).



Figura 1. Compartilhamento e Postagem em 15/06/2013, dia da abertura da Copa das Confederações e estreia da Seleção Brasileira na competição.



Em meio a uma sutil crítica aos gastos excessivos para a construção dos estádios da Copa, o sentimento comunitário de pertencimento expressado pelo sujeito na postagem (Figura 1), pode ser entendido no que Bitencourt (2009, p. 181) conclui que “é na seleção brasileira de futebol que nosso pensamento sobre nós mesmos é levado ao extremo. É esse o espaço no qual nossa identidade vai ser debatida, inventada e construída. A seleção é a representação de nossas representações sobre nós mesmos”. O autor ainda complementa afirmando que “nesse jogo, cujo rendimento produz o orgulho nacional e o sentimento de pertença e a derrota a amarga revanche pela expulsão dos nossos, os brasileiros pensam-se como povo, como ‘raça’ (mas pensam também sua economia, sua política) e traçam o seu destino pela bola” (BITENCOURT, 2009, p. 186).

Para além do simples fato da realização dos megaeventos no Brasil, questionamos os futuros professores sobre as expectativas que eles teriam perante o permanente e incisivo discurso dos legados dos megaeventos no Brasil. O que encontramos foram posições subversivas à tendência discursiva hegemônica e entusiasta, uma indignação sustentada com argumentos sistematizados acerca do problema que permeia, segundo eles, “a sociedade brasileira e atinge a cidadania nacional”.

Amanda: E a impressão que dá nesse tipo de evento, Copa do Mundo, enfim, sobretudo a Copa do Mundo, é que o Estado ele parece um tanto quanto submisso às próprias solicitações da FIFA, enfim, tanto no que diz respeito aos padrões FIFA. Não que o Estado assuma uma postura passiva, mas mais de submissão mesmo. E para a população não vai haver qualquer benefício, então eu acho que esse talvez seja o ponto principal, qual o argumento? Vai ter benefícios para a população? Não! A gente já teve a experiência do Pan de 2007 no Rio, então! [...] Na época do Pan eu cheguei a ir lá, eu tenho família no Rio e eu cheguei a ir em algumas competições, tive naquele complexo aquático Maria Lenk que está sendo destruído agora¹¹, olha só que absurdo [sic].

A fala da interlocutora mostra um pouco dos não-legados do Pan Rio/2007 já que muito do que foi prometido para aquele momento não foi cumprido pelas autoridades, como a despoluição da Lagoa Rodrigo de Freitas, da Baía de Guanabara, entre outras promessas. Além disso, tiveram estruturas que foram construídas, mas não foram utilizadas posteriormente por projetos sociais ou treinamento de atletas e nem tiveram serventia para os Jogos Olímpicos de 2016 por não atenderem aos padrões exigidos pelo COI, como o Parque Aquático Maria Lenk e o Velódromo Municipal do Rio, que serviu para as disputas de ciclismo e patinação na competição.

11 Quando cita o complexo aquático Maria Lenk talvez ela tenha se confundido com o Complexo do Maracanã, o qual, no momento em que a pesquisa foi realizada, estava previsto para ter dois dos seus equipamentos esportivos demolidos (o estádio Célio de Barros e o parque Júlio Delamare) para a construção de estacionamentos para a nova arena Maracanã. Porém, após as manifestações sociais e a reivindicação de um coletivo de atletas, o governo do estado do Rio e o consórcio que vai administrar o complexo decidiram abortar a demolição das estruturas que compõem o entorno do Maracanã. Na verdade, o Maria Lenk não será utilizado nos Jogos de 2016 para as competições de natação, apenas para as disputas dos saltos e do pólo aquático.

A análise feita pela professora em formação se aproxima do que Souza e Marchi Júnior (2010) chamam a atenção para o cuidado que se deve ter com a construção dessa cultura de “legado social” a que estamos submetidos no contexto esportivo do país. Para eles, é preciso, antes de radicarmos a crença nesse discurso, superarmos ou, ao menos, amenizarmos os problemas de desigualdade que a sociedade brasileira carrega como característica do seu projeto de desenvolvimento na modernidade para não correremos o risco de nos tornarmos os novos “evangelizadores do esporte” (COAKLEY, 2010 *apud* SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010).

Em paralelo a essas afirmações e análises críticas apresentadas durante os questionamentos realizados nas entrevistas e nas interações realizadas na rede social, os sujeitos da pesquisa mostraram-se ligados, de algumas maneiras, à competição da Copa das Confederações. Tanto no que diz respeito aos elementos futebolísticos propriamente ditos, pois eles fizeram postagens sobre aspectos táticos, técnicos e de fanatismo pela modalidade e pela representatividade da seleção brasileira, mas também realizaram interações nas suas páginas pessoais do *Facebook* que expressaram criticidade ao espetáculo esportivo e às implicações sociais que ele estava causando ao país. É possível visualizar os exemplos nas figuras 2, 3 e 4.



Figura 2. Postagem de Ronaldo em 23/06/2013.



Figura 3. Postagem de Diogo em 30/06/2013.



Figura 4. Postagem de Kauê em 30/06/2013.

Na postagem de Kauê e no diálogo que ele estabelece com a sua amiga da rede (Figura 4), ele menciona a política do “Pão e Circo” para fazer uma leitura do jogo da final da Copa das Confederações que aconteceu no dia 30 de junho entre as seleções brasileira e espanhola no Maracanã. Assim como aconteciam nas arenas de batalha da Roma Antiga, o estádio estava lotado com cerca de 80 mil pessoas presentes que, de acordo com a associação pretendida por Kauê, estavam ali envolvidas pelo entretenimento proporcionado pelo Estado para controlar as massas, fazendo-as sentir o pertencimento à nação e evitando delas se rebelarem contra o modelo de governo e as mazelas sociais, da mesma forma que em outros tempos. Além disso, ele ousa afirmar ainda que o “espetáculo já estava escrito”, colocando em dúvida a imprevisibilidade do resultado vitorioso de 3 a 0 da seleção brasileira sobre os últimos campeões mundiais naquele momento e, até então, imbatíveis espanhóis.

As postagens realizadas pelos sujeitos da pesquisa (Figuras 2, 3 e 4) demonstram como o sentimento nacionalista ligado ao futebol acaba sendo uma premissa do brasileiro aficionado na modalidade. Uma construção sociocultural que contou com a colaboração do telespetáculo esportivo (BETTI, 1998) e que, não por acaso, em alguns momentos, os sujeitos reproduzem a discursividade da falação esportiva (ECO, 1984).

Há também indicativos de que a paixão pelo esporte não os impede de desviar um olhar crítico com relação ao modelo espetacular em que se estruturam os megaeventos esportivos. Os interlocutores do estudo fizeram análises, inclusive, que se aproximam do que Pires (2002) argumentou sobre o Esporte, sendo este um dos produtos preferidos da indústria midiática por oferecer, em contrapartida, o show já pronto.

Diante dessa discussão crítica sobre a temática, composta por movimentos e posições que se contrapõem em determinados momentos, questionamos nossos interlocutores sobre a relação e o papel que a Educação Física deveria exercer no trato com o tema dos megaeventos esportivos nos seus espaços de intervenção social, sobretudo no âmbito escolar. Os sujeitos da pesquisa

mostraram-se decididos, com uma visão bem definida acerca do que fazer e também do que não fazer com a situação que se desenhou no país.

***Amanda:** Eu acho que, no caso pensando a Educação Básica, atuando na Educação Básica, seria o momento ideal para levar isso para os alunos, para as crianças, não como entusiasta disso que está acontecendo, não tendo uma postura entusiasta disso, mas de crítico, fazer elas pensarem acerca disso porque são eles que são os primeiros cooptados por esse mecanismo do espetáculo, eles são os primeiros [sic].*

***Kaue:** Eu acho que o esporte hoje por conta desse apoio midiático ele é um dos elementos mais alienantes do nosso país e aí está levando esse debate para dentro da escola, fazendo a crítica e conseguir fazer os alunos pensarem de outra forma, ver de outra forma a vinda desses megaeventos eu acho que já é uma intervenção bem válida para a educação básica mesmo, porque provavelmente em nenhuma outra área eles vão ter essa discussão [sic].*

***Daniela:** Teriam dois lados, o lado da Educação Física voltado para o Bacharelado e para a Licenciatura. [...] na questão da licenciatura, se eu fosse trabalhar, iria com certeza trabalhar esse assunto na escola para começar a ver a opinião dos alunos, ver o que eles entendem por isso e está trabalhando mesmo, não é, falando a realidade, não dando a resposta para eles, mas que eles descubram pela percepção deles o que está acontecendo [sic].*

O que se evidencia na fala dos sujeitos é que, apesar das dúvidas e dilemas apresentados acerca da realização dos megaeventos esportivos no país, eles não negam a importância da tematização do assunto no contexto escolar. Os professores em formação ressaltaram, principalmente, a necessidade de aproveitar a efervescência esportiva momentânea para tratá-lo junto aos escolares. Para Amanda, as crianças e estudantes são um dos principais nichos de mercado atingidos pelo discurso do esporte espetáculo.

A afirmação da interlocutora da pesquisa corrobora com o que Bracht e Almeida (2013, p 139) compreendem ser o papel a ser exercido pela Educação Física escolar perante os megaeventos esportivos. Nesse sentido, a fala dos interlocutores segue a mesma linha de pensamento de que é preciso se pensar uma maneira de conformar o processo de “escolarização do esporte” e evitar riscos de perpetuarmos uma “pseudovalorização da Educação Física escolar” através de políticas públicas que tratam o esporte educacional sob os mesmos moldes do alto rendimento (BRACHT; ALMEIDA, 2013).

Além disso, os argumentos de Amanda, assim como os de Kauê e os de Daniela, indicam como eles já possuem algum discernimento sobre o papel a ser exercido pelo professor e, no caso, o da Educação Física na Educação Básica. Eles apresentam posições de entendimento de que a disciplina, como componente curricular que historicamente tratou do Esporte na escola, deve se manter como esse espaço de trabalho dos conteúdos esportivos e aproveitá-lo para levar a discussão sobre o tema com uma abordagem crítica, contextualizando os múltiplos elementos e meandros que compõem o fenômeno e os seus marcos representativos que são os megaeventos quadrienais.

Os interlocutores também apontam o professor de Educação Física não como reproduzidor e promotor da lógica hegemônica em que o sistema esportivo se desenvolve oficialmente na sociedade, mas o designam como o sujeito



mediador das relações de aproximação e distanciamento dos alunos com o fenômeno esportivo no contexto escolar. Percebe-se que em nenhum momento eles levantam a possibilidade de negação da abordagem do esporte na escola, porém ratificam que é preciso se posicionar como um provocador de questões que despertem a curiosidade dos escolares e os levem à descoberta autônoma e esclarecedora do universo esportivo.

MANIFESTAÇÕES SOCIAIS: a batalha da mídia, as redes sociais, a cidadania... e a educação física?

Se considerados os últimos 20 anos da história política e social do Brasil, a geração nascida a partir do século XXI não havia vivido pessoalmente, até então, nenhuma mobilização de multidões ou manifestação social em grande escala no país. Assim, quando solicitamos aos jovens participantes da pesquisa para fazerem uma análise dos fatos ocorridos durante o mês de junho de 2013, principalmente do paralelo existente entre a Copa das Confederações e as manifestações nas cidades, eles mostraram-se bastante entusiasmados com a novidade dos sentimentos que experimentaram com o clamor do povo nas ruas, mas também demonstraram perspicácia crítica na tentativa de interpretar um fenômeno pelo qual eles ainda não tinham vivenciado.

Os interlocutores da pesquisa apresentaram avaliações e percepções com o devido cuidado para não serem traídos pelas opções voláteis do discurso da mídia durante os dias de tensão e incerteza social por todo o país.

Ronaldo: [...] foi uma coisa que dividiu a atenção do mundo que tava acompanhando a Copa das Confederações, entendeu? Que nem antes o auge era para ser a Copa das Confederações, mas já no primeiro dia, a abertura aconteceu o que aconteceu e durante toda a competição, então desfocou um pouco a Copa das Confederações. [...] Tanto que nos próprios jogos os narradores na Globo falavam sempre os números de manifestantes que tinham e aí tu ia ver em outra revista era bem maior o número, mas eu acho que desfocou sabe, ficou dividido, por isso que eu acho que foi até melhor para a manifestação sabe, encorpou mais, teve mais importância [sic].

Kaue: Aí eu acho que a mídia teve um papel fundamental, porque se tu for ver no início... quando se iniciou mesmo esse processo, tem até um discurso do Arnaldo Jabor “malhando o pau” nos manifestantes e dois dias depois quando a mídia viu que tomou o corpo que tomou, acho que muito pela influência das redes sociais, ele mudou totalmente o discurso e a Globo, a mídia em geral, não só a Globo, mudou o discurso sobre as manifestações, daí levando sempre aquele caráter nacionalizante do “verde-amarelo”, os “sem partido”, [...] mas eu acho que a mídia mudando esse discurso tão rapidamente é de se fazer uma análise retrograda que acho que como ela serviu para apoiar o povo para ir pra rua, mas tem que ver a quem que ela tava servindo, porque que ela ia se posicionar daquela maneira, naquela conjuntura [sic].

As afirmações de ambos os sujeitos da pesquisa trazem o indicativo de como eles dão agência à aparente passividade da ação de consumir os conteúdos midiáticos. Nos dois argumentos, baseados na referência da hegemonia da emissora Rede Globo, é possível perceber a atenção existente por parte dos estudantes acerca da cobertura interessada da indústria midiática sobre o fenômeno social das manifestações.

Ronaldo acredita que as manifestações deixaram turvas as lentes dos holofotes do espetáculo esportivo, no caso a Copa das Confederações. Ele aponta ainda que os movimentos populares se beneficiaram das dimensões mundiais que o evento de futebol da FIFA consegue ter, para aumentarem as suas proporções e as mobilizações em níveis nacionais e até internacionais. Kauê, não muito diferente, segue a mesma linha de análise da cobertura midiática acreditando que a mídia colaborou para a disseminação e mobilização nacional das manifestações sociais pelas ruas do país. Porém, ele faz ressalvas para o cuidado que se deve ter ao depositar a confiança nesses tipos de veiculação da mídia que, normalmente, serve a interesses comerciais e políticos particulares. As duas análises trazem à tona a estratégica e oportunista apropriação do hegemônico (tele)espetáculo esportivo pelos reclames sociais de subversão e, em certa medida, de recusa ao produto institucional a ser consumido, os megaeventos esportivos.

Não diferentes, interações promovidas pelos sujeitos da pesquisa no *Facebook* também ressaltaram o duplo movimento na cobertura dos protestos pelas ruas do país. Diante da repressão e da violência utilizada pela polícia na tentativa de controlar os manifestantes e acabar enfraquecendo os manifestos populares que ganhavam a cada dia mais força desde o início do mês de junho, o compartilhamento realizado por Daniela (Figura 5) com uma foto de manifestantes entregando flores aos policiais e com os escritos de que “*aí a televisão não mostra*”, representa os indícios da indignação existente pela cobertura que a mídia vinha fazendo, criminalizando os manifestantes, tratando-os basicamente como baderneiros e vândalos.



Figura 5. Compartilhamento de Daniela em 15/06/2013.



Da mesma maneira ocorre com a postagem realizada por Ronaldo (Figura 6), questionando o discurso indutor veiculado pela cobertura midiática da Rede Globo ao denominar alguns grupos populares que protestavam nas ruas como “manifestantes radicais”. O questionamento mostra a preocupação de leitura discursiva do sujeito com relação aos modos como a mídia trata o fato social. Assim, a postagem completa, com os comentários dos amigos dele na rede, aponta como a produção de conteúdo e as interações comunicativas estabelecidas na rede podem ser emancipadoras em relação a uma cultura midiática alienante.



Figura 6. Postagem de Ronaldo em 17/06/2013.

Como afirmam Malini e Antoun (2013, p. 249), “as narrativas compartilhadas na Internet fazem parte de um movimento social que recusa a hierarquização de representantes e representados. [...] Recusa deixar para a mídia tradicional o poder de dizer o que pertence ou não ao acontecimento”.

A partir dos dados colhidos nas observações da pesquisa no Facebook, nos parece consolidar-se o conflito que se configurou nesse período de manifestações e de reivindicações sociais pelo Brasil. Uma mídia de massa que apesar de render-se à cobertura dos protestos, a faz de acordo com os seus interesses e ao seu modo discursivo, com a fragmentação dos recortes audiovisuais que lhe são pertinentes politicamente e comercialmente, ainda sob a lógica do espetáculo. Do outro lado, as redes sociais que através dos mecanismos fornecidos pelas plataformas em que funcionam, possibilitaram a produção e a circulação de conteúdos contextualizadores da complexidade que compõe os fenômenos e as instituições sociais, como a política, a economia e o esporte.

Ao serem questionados sobre o papel que as redes sociais assumiram nas “Jornadas de Junho”¹², os sujeitos da pesquisa corroboraram com a capacidade

12 A denominação “Jornadas de Junho” foi o modo como se convencionou chamar o conjunto de manifestações populares que aconteceram durante quase todo o mês de junho de 2013,

impulsionadora de circulação das redes, mas também apontaram elementos que podem ser problemáticos para a eficácia da ferramenta de comunicação.

Ronaldo: *Eu fui em duas manifestações aqui em Florianópolis, mas assim, a gente via que uma pessoa lá no Norte do Brasil criava uma frase e daí uma pessoa aqui de Florianópolis vai, pega aquela frase e usa ela também, uma coisa que era legal, a gente via fotos, frases, via coisas que animavam sabe? Não era aquela coisa bagunceira, não era por qualquer coisa [sic].*

Kaue: *Eu acho que assim, tem os prós e os contras das redes sociais. Acho que como ela pode... como ela influenciou na divulgação, por ser um espaço muito acessado, ela se amplia muito rápido, aí a questão do número de pessoas nas ruas se deu muito pela questão da divulgação via, principalmente, Facebook. Mas acho que tem os contras também que é a questão dessa divisão que teve [...]. A questão do apartidarismo e do nacionalismo se deu muito por algumas intervenções nesses eventos que eram criados para divulgar e que geravam um debate ali, mas nesse debate o senso comum sempre acaba sobressaindo e acho que foi um reflexo dessa influência da rede social [sic].*

Amanda: *Eu acho que se por um lado tem essa coisa positiva que se materializou nas manifestações, que é a força que as redes sociais tem de mobilizar as pessoas, por outro, eu acho que o ponto negativo me parece que esse tipo de dispositivo são... a rapidez que ali as coisas no mundo virtual acontecem, então você vê um termo lá, “O gigante acordou”, aquilo ali aparece assim naquela coisa de atualizações lá, uma série de amigos seus usam aquele termo e num segundo momento, não muito distante desse primeiro, as pessoas já começam a criticar, mas como assim né? Que não é mais gigante. Então eu acho perigoso essa rapidez, não nos estimula a pensar realmente sobre cada discurso e que nos faz de alguma maneira aderi-los sem muita compreensão [sic].*

A argumentação dos sujeitos segue a mesma linha de entendimento sobre a força das redes sociais como espaço mobilizador de multidões em prol de uma mesma causa ou de luta por interesses que convergem. Porém, Kauê e Amanda chamam a atenção para a intensidade do fluxo de circulação e de atualização de status na rede, o que para eles acaba por fragilizar as informações e os conteúdos dessas discussões que acontecem online. Eles fazem a ressalva de que a celeridade demandada por essas plataformas de comunicação nos ambientes virtuais restringe o momento de reflexão dos sujeitos que acompanham as *timelines* em tempo real.

Isto posto, solicitamos que os interlocutores do estudo identificassem os possíveis legados ou não legados que o acontecimento paralelo dos megaeventos esportivos com as manifestações sociais e todo esse movimento cidadão nas redes sociais poderiam deixar para a Educação Física.

constituindo uma jornada de eventos reivindicatórios por todo o país. As mobilizações iniciaram com a pauta do Movimento Passe Livre em algumas capitais, mas logo se expandiu, levando milhares de brasileiros às ruas por uma pauta mais ampla que reivindicou melhorias no atendimento aos direitos dos cidadãos, contra a corrupção e, inclusive, contra os gastos excessivos com os megaeventos esportivos no país.



***Kaue:** Então, eu acho que o maior legado que deixou foi a questão de quebrar essa barreira de preconceito com manifestação e ir a rua reivindicar o direito. Na Educação Física, não sei. Acho que na Educação Física também... na Educação não sei fazer relação [sic].*

***Amanda:** Primeiro eu acho que uma atenção mais apurada do posicionamento da mídia como eu disse anteriormente, ficou bem claro me parece. Para a Educação Física eu não sei, acho que ela... é um âmbito muito específico talvez, talvez a própria, os próprios integrantes da área pudessem ter tido um posicionamento mais firme acerca do que no âmbito profissional quer de modificação, aproveitando, puxando o peixe pro nosso lado, não sei, eu não vi isso entende? Não sei se pra Educação Física vai haver modificações significativas [sic].*

As afirmações acima, em princípio, nos abrem precedentes para pensarmos o quão contraditórias são as posições assumidas pelos sujeitos da pesquisa. Isso se evidencia quando questionados no primeiro momento sobre o papel da Educação Física escolar no trato com o tema dos megaeventos esportivos, em comparação com a ausência de perspectivas nas respostas apresentadas para a possível herança das manifestações sociais sobre a realização dos megaeventos que poderia ficar e ser aproveitada pela área.

Eles conseguem visualizar pontos complexos da novidade causada pelo fator imprevisível do acontecimento da mobilização nacional. Exemplos disso foi o apontamento da superação da discriminação sobre os movimentos sociais no Brasil e a cautela que se deve ter com a flexibilidade tendenciosa do discurso midiático nesses momentos de tensão social como o ocorrido. Entretanto, na visão deles, nada disso pode estar associado a especificidade da Educação Física.

Os interlocutores da pesquisa demonstraram compreensões críticas e efetivas das possibilidades de prática pedagógica que poderiam ser realizadas no tratamento educacional com o esporte na Educação Física escolar, sobretudo na Educação Básica. Contudo, ao serem provocados a refletir sobre esse projeto educativo esclarecedor, emancipatório, que valoriza as sensibilidades dos seres e centraliza o sujeito nas ações de ensino-aprendizagem, do qual eles mesmos demonstraram acreditarem e terem propriedade, eles não conseguiram filiá-lo ao cerne da luta cidadã que se configurou na pauta central das reivindicações.

Nesse momento, parece que todo o discurso crítico de inovação pedagógica no trato com o esporte na Educação Física escolar torna-se carente de um objetivo maior que lhe sirva de alicerce. As possíveis estratégias didático-pedagógicas, que antes fora proferida pelos próprios sujeitos da pesquisa, se perdem na demanda pré-conceptiva pela materialidade dos conteúdos tradicionais para a área. Essa mudança brusca de posicionamento, ou da ausência final dele, nos provoca a pensar que esse distanciamento entre a prática pedagógica e o exercício da cidadania remonta a dicotomia histórica da área entre teoria e prática, onde se concebe um “ativismo prático”, mas se abstrai o “inativismo teórico”, reforçando o “ainda não” da Educação Física escolar (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009; 2010).

Diante disso, a dificuldade dos sujeitos em ter uma posição bem definida acerca da concepção que referencia a prática pedagógica a ser pensada

para a Educação Física escolar deixa indicativos de certa fragilidade no próprio processo formativo dos futuros professores. Assim, de maneira geral, podemos nos reportar a um problema histórico da área que, segundo Santin (2001), constitui-se como uma “prática em busca de uma teoria”.

CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS

Diante dos dilemas e contradições que se apresentam desde a escolha do país e das cidades como sedes dos espetáculos do esporte, os interlocutores do estudo demonstraram indecisões, condições e também controvérsias quando abordaram o assunto durante os diversos momentos da pesquisa. Mostraram que estão entre o sim, o não ou o sim-e-o-não da realização dos megaeventos esportivos no país, assim como se observa no próprio campo acadêmico-científico da Educação Física e de outras áreas do conhecimento.

Nesse sentido, ao serem provocados a pensar e atribuírem um sentido para a cidadania, de maneira geral, e para a Educação Física, em específico, sobre a realização dos megaeventos esportivos no Brasil, os interlocutores da pesquisa mantiveram-se entre os dilemas e contradições. Mesmo destacando a importância e a necessidade permanente da mediação escolar da Educação Física na discussão de temas atuais como essa “década esportiva” no Brasil, os graduandos mostraram um *a priori* totalmente diferente dos fins que conseguiam materializar para a Educação Física escolar.

Embora ainda em processo de formação inicial, os interlocutores da pesquisa apresentaram, de início, propriedade crítica e capacidade reflexiva de vislumbrar possibilidades de intervenção pedagógica na Educação Física escolar para tratar do tema dos megaeventos esportivos de maneira subversiva, resistindo à tradição do encantamento e da rendição à festa do espetáculo. Muito disso, inclusive, com indicativos de influências formativas das concepções críticas e pedagógicas da área.

Os interlocutores da pesquisa, ao convidarmos à refletirem sobre as responsabilidades da área na conformação da cultura esportiva e no exercício da cidadania, principalmente diante do cenário de manifestações sociais pelo qual passou o país, não conseguiram formalizar nenhuma relação. Muito menos, os professores em formação inicial não chegaram nem a conceber alguma possibilidade de intervenção pedagógica que mediasse a formação sociocultural dos possíveis alunos mediante o momento tão importante e mobilizador como a Copa e as Olimpíadas no Brasil.

Portanto, o que nos parece sensato considerar como algumas reflexões finais deste investimento investigativo é que, apesar dos avanços e do constante aprofundamento reflexivo que a Educação Física tem realizado nos estudos em Mídia, Esporte e, mais recentemente, Megaeventos Esportivos, ainda há um longo processo de desenvolvimento para a sua legitimação profissional. Em especial, uma legitimidade e clareza no projeto educacional de intervenção pedagógica na escola e, antes disso, na formação dos professores.

No caso desta pesquisa, o que fica de indicativo é que mesmo com o advento da convergência digital carregada pelas suas transformações culturais de consumo, produção e circulação de conteúdos em rede, a mídia de massa ainda predomina. A conformação da cultura esportiva, por exemplo, ainda tem problemas



e dificuldades em se desvincular das determinações institucionais e conservadoras a que está atrelada hegemonicamente, a relação recíproca com a mídia.

O questionamento que se faz aqui é para a especificidade da Educação Física, pois durante a pesquisa os interlocutores mostraram-se ativos, com uma compreensão ampliada, contextualizada e uma posição crítica diante dos temas levantados no estudo. No entanto, ao serem levados ao solo em que estão inseridos (a Educação Física), apresentaram dificuldades de associação dos elementos práticos da intervenção pedagógica com as teorias desenvolvidas na área e discutidas por eles mesmos no decorrer da investigação.

Por fim, o que visualizamos como possíveis contribuições do estudo para a Educação Física, como campo de intervenção e área do conhecimento em desenvolvimento, é que a formação instrumental, crítica e produtiva na relação entre Mídia, Esporte e Educação Física permanece como uma demanda urgente, do mesmo modo como apresentado em estudos anteriores. Ainda que se tenha percebido que a produção acadêmica sobre essa temática publicada em periódicos da Educação Física aumentou significativamente nos últimos cinco ou seis anos (SANTOS et al., 2014), é preciso reconhecer que há um longo caminho a ser percorrido na formação profissional da área para que avanços no trato conceitual e didático-metodológico sobre o tema sejam alcançados e consolidados. É necessário, sobretudo, que a Educação Física continue “revirando” os panos que encobrem os bastidores do espetáculo esportivo e que desenvolva como mediador cultural, em seu processo de formação de professores inicial e continuada, estratégias esclarecedoras da relação existente entre a cultura esportiva e o exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.
- BITENCOURT, F. Esboço sobre algumas implicações do futebol e da Copa do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 173-189, maio 2009.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Esporte, escola e a tensão que os megaventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 26, n. 89, p. 131-143, 2013.
- ECO, U. A falação esportiva. *In*: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 220-226, 1984.
- FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p. 9-24, set. 2009.



_____. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p. 10-21, mar. 2010.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilizações nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MASCARENHAS, F. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39-67, jan/mar de 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

PIRES, G. de L. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 336 p., 2002 (Coleção Educação Física).

_____. Esporte, mídia e ilusão. In: MELO, V.A.; TAVARES, C. (org.). **O exercício reflexivo do movimento: Educação Física, lazer e inclusão social**. Rio de Janeiro: Shape; SESC-Rio, 2006.

SANTOS, S. M. Mídia, esporte e cultura esportiva: um ensaio com a teoria das mediações culturais de Jesús Martín-Barbero. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Aracaju/SE, v. 8, n. 17, p. 175-190, set./dez. 2015. Disponível em (<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/4522>).

SANTOS, S. M. *et al.* Estudo da produção científica sobre Educação Física e Mídia/Tics em periódicos nacionais (2006-2012). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S123-S139, abr./jun. 2014. Disponível em (<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2122>).

SANTOS, S. M.; PIRES, G. de L. Megaeventos esportivos e Educação Física: estudo no facebook com professores em formação inicial. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 2, abr./jun. 2015. Disponível em (<https://www.revistas.ufg.br/index.php?journal=fef&page=article&op=view&path%5B%5D=29807>).

SANTOS, S. M.; PIRES, G. de L. Manifestações sociais e mídia na Copa das Confederações: estudo com professores de Educação Física em formação inicial. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 199-210, jan./mar. de 2016. Disponível em (<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53797>).

SANTIN, Silvino. **Educação Física: temas pedagógicos**. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

SOUZA, J.; MARCHI JUNIOR, W. Os “legados” dos megaeventos esportivos no Brasil: algumas notas e reflexões. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXII, N° 34, p. 245-255, Jun./2010.